

## PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O QUE OS PROFESSORES TÊM A DIZER?

Alana Ivani Sehn<sup>1</sup>, Derli Juliano Neuenfeldt<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo teve como principal objetivo investigar a compreensão dos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de um Município do Vale do Taquari/RS/BRA quanto à orientação da BNCC sobre o ensino de Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física para os Anos Finais do Fundamental. Além disso, também se buscou conhecer a formação inicial e continuada desses professores relacionada ao ensino das Práticas Corporais de Aventura e identificar espaços físicos no município investigado que apresentam potencial para o desenvolvimento dessas práticas corporais. A pesquisa foi qualitativa e descritiva. Os participantes foram três professores da rede municipal de ensino, sendo a coleta feita por meio de entrevista semiestruturada e questionário, ambos por meio do *WhatsApp*. Ainda, foram feitos registros fotográficos dos espaços públicos do município com potencial para práticas de esportes de aventura. Constatou-se que os entrevistados que não tiveram formação inicial ou continuada relacionada ao ensino das Práticas Corporais de Aventura. Quanto a sua realização, vislumbram práticas fora do contexto escolar e adaptadas para os espaços escolares. Identificou-se que o município possui espaços físicos que podem ser utilizados. Contudo, evidenciou-se insegurança dos professores quanto a realização das práticas corporais de aventura fora da escola, principalmente devido aos riscos à integridade física que elas oferecem. Conclui-se que há necessidade de se investir na

---

1 Graduada em Educação Física Licenciatura pela Univates.

2 Possui graduação em Educação Física - Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (1997), especialização em Pedagogia do Esporte (1997) pela Universidade Federal do Paraná, especialização em Gestão Universitária (2013) pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, Mestrado em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (2000) e Doutorado em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento (2016) pela Universidade do Vale do Taquari - Univates. Foi coordenador do Curso de Educação Física - Bacharelado da Univates (2008-2011) e coordenador do Curso de Educação Física - Licenciatura da Univates (2008-2019). Atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Taquari - Univates, atuando nos Cursos de Educação Física Licenciatura e Bacharelado e no Programa de Pós-graduação em Ensino. Tem experiência na área de Educação Física Escolar atuando principalmente nos seguintes temas: educação física escolar, formação de professores, educação ambiental, ensino e TDICs. Professor do PPGEnsino da Univates.

formação continuada, assim como criar momentos para os professores de Educação Física trocarem de experiências, estudarem e planejar coletivamente.

**Palavras-chave:** educação física escolar; práticas corporais de aventura; anos finais; formação de professores; ensino.

## INTRODUÇÃO

A proposta de ampliação do ensino das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar, para além dos tradicionais esportes coletivos (futebol, voleibol, handebol e basquetebol) é um movimento que ocorre a partir de 1980 em contraponto ao processo de esportivização da Educação Física Escolar e que se consolida a partir do Movimento Renovador<sup>3</sup>.

Essa proposição se faz presente nas orientações legais brasileiras, iniciado com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), que propuseram como temas da cultura corporal para o ensino da Educação Física na escola três blocos temáticos: conhecimentos sobre o corpo; esportes, jogos, lutas e ginásticas e, atividades rítmicas e expressivas. Recentemente, com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), a proposta para a Educação Física escolar foi definida a partir de seis unidades temáticas: brincadeiras e jogos; esportes; ginástica; dança; lutas e práticas corporais de aventura. Portanto, ambas bases legais propõem que as práticas corporais na Educação Física escolar não sejam restringidas a alguns esportes coletivos.

Nesse estudo, o olhar foi direcionado para a unidade temática das Práticas Corporais de Aventura que ganhou visibilidade a partir da BNCC. Essas práticas podem ser realizadas tanto no espaço urbano quanto na natureza e “se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado” (BRASIL, 2017, p. 216). Como exemplos temos: corrida orientada, corrida de aventura, *mountain bike*, rapel, tirolesa, arborismo, *parkour*, *skate*, patins, *bike* etc.

A BNCC (BRASIL, 2017) propõe que essa unidade deve ser desenvolvida, no Ensino Fundamental, a partir dos 6.º e 7.º Anos com as práticas corporais de aventura urbanas e nos 8.º e 9.º Anos, as práticas corporais de aventura na natureza. Entre as habilidades a serem desenvolvidas podemos citar: ter a experiência de diferentes práticas corporais de aventura; executar práticas corporais de aventura; identificar a origem das práticas corporais de aventura e as possibilidades de recriá-las, assim como identificar riscos e equipamentos necessários para a sua realização.

---

3 A partir do final da década de 1970 e início dos anos de 1980, de acordo com Caparroz e Bracht (2007), denuncia-se o ensino centrado no tecnicismo, mecanismo de reprodução das relações sociais capitalistas, sendo mobilizadas nas discussões pedagógicas da Educação Física a função social da educação, influenciadas por análises sociológicas de orientação marxista.

Entende-se que o ensino das Práticas Corporais de Aventura na Educação Física escolar contribui para a ruptura com o processo de esportivização no ensino da Educação Física escolar centrada nos esportes coletivos tradicionais. Essa unidade temática traz para a escola práticas corporais que fazem parte do cotidiano de muitos alunos, com práticas como o *skate*, fortemente presente na cultura juvenil. Além disso, apesar de não aparecer de forma explícita, sinaliza para que se olhe para a natureza como lugar de ensino e que permite desenvolver práticas corporais com potencial para a discussão da relação homem-natureza frente a crise ambiental que vivemos. Segundo a BNCC (BRASIL, 2017), cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências, que ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível [...]. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e de produção, segundo a BNCC (BRASIL, 2017).

Contudo, nos questionamos como os professores de Educação Física, muitos formados em currículos centrados nos esportes tradicionais, percebem sua formação frente à proposta da BNCC no que diz respeito às Práticas Corporais de Aventura. Como os professores vislumbram contemplar essa unidade temática proposta pela BNCC nas aulas de Educação Física?

Portanto, esse artigo teve como principal objetivo investigar a compreensão dos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de um Município do Vale do Taquari/RS/BRA quanto à orientação da BNCC sobre o ensino de Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física para os Anos Finais do Fundamental. Além disso, também se buscou conhecer a formação inicial e continuada desses professores relacionada ao ensino das Práticas Corporais de Aventura e identificar espaços físicos no município investigado que apresentam potencial para o desenvolvimento dessas práticas corporais.

Entende-se que essa pesquisa contribui para a análise da proposição feita pela BNCC quanto ao ensino Práticas Corporais de Aventura dialogando com o contexto escolar, mais especificamente com os professores de Educação Física tocando em temas que tratam da formação, mas também apontando espaços em potenciais para o desenvolvimento dessa unidade temática no sentido de refletir sobre possibilidades diversificar as práticas corporais ensinadas na Educação Física Escolar.

## **METODOLOGIA**

Essa pesquisa caracteriza-se como qualitativa e descritiva, uma vez que a preocupação não está na busca generalizações, mas em conhecer com mais profundidade o tema investigado, assim como o contexto no qual os participantes estão inseridos. Conforme Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa envolve enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa

em retratar a perspectiva dos participantes. Essa abordagem de pesquisa possibilita ao investigador a descrição do fenômeno tal como ele se apresenta em toda a sua complexidade e em seu contexto natural, no caso dessa pesquisa, na escola.

A pesquisa foi realizada na Rede Municipal de Ensino, num município do Vale do Taquari. O município conta com três escolas municipais que atendem o Ensino Fundamental. Em cada escola, há um professor de Educação Física. Os participantes da pesquisa foram os três professores do Ensino Fundamental que atuam nos Anos Finais. A escolha da atuação no Anos Finais deu-se pelo fato da BNCC propor as Práticas Corporais de Aventura nessa etapa.

A coleta de informações ocorreu por meio de uma entrevista semiestruturada, e através de um questionário, utilizando meios tecnológicos (*WhatsApp*), conforme combinado com os participantes. A pesquisa ocorreu em 2020, período no qual devido à pandemia de Covid-19 não havia atividades presenciais na escola e as pessoas estavam em isolamento em suas casas. A Secretaria de Educação recomendou que a pesquisa ocorresse de forma on-line em virtude da pandemia.

Dessa forma, um professor respondeu as questões em forma de entrevista, ou seja, gravou-se a pergunta em forma de áudio no *WhatsApp* e se encaminhou. O professor ouviu e mandou a resposta também gravada em áudio, estabelecendo-se dessa forma um diálogo. Essa forma de se repetiu como todas as questões. Os outros dois professores optaram pelo envio de um questionário contendo as questões. Eles responderam o questionário e encaminharam as respostas escritas em um arquivo do *word* também no *WhatsApp*. As principais perguntas versaram sobre: formação inicial e continuada relacionadas com as Práticas Corporais de Aventura; percepção sobre a orientação da BNCC de desenvolver essa unidade temática nos Anos Finais do Ensino Fundamental; experiências com o ensino ou possibilidades que acreditavam ser possível na Educação Física Escolar; espaços disponíveis na escola e no município.

Além disso, os pesquisadores também fizeram registros fotográficos dos espaços públicos como praças, áreas verdes, pista de *skate* e o entorno das escolas, com potencial para a prática de esporte de aventuras no município de estudo, além de recorrer ao arquivo pessoal de imagens.

Quanto aos cuidados éticos, a Secretaria da Educação do município autorizou a pesquisa mediante assinatura da Carta de Anuência Institucional. Antes da realização da coleta de dados, os professores também assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O termo contemplou informações a respeito da pesquisa para conhecimento dos participantes, bem como garantiu os cuidados éticos, tal como a não divulgação dos nomes dos participantes. Dessa forma, na descrição dos resultados, foram usados os códigos professora 1, professor 2 e professora 3.

Na análise das informações foi utilizado a metodologia da análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016) que culmina como a definição de categorias de análise, que nesse estudo foram emergentes. Foram estruturadas duas categorias de análise: Formação dos professores de Educação Física e o ensino das Práticas Corporais de Aventura e Práticas Corporais de Aventura na Educação Física Escolar: desenvolvimento e possibilidades.

## **FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA**

Esta categoria trata da formação dos professores de Educação Física investigados, relacionada ao tema Práticas Corporais de Aventura, trazendo a percepção dos professores entrevistados em relação ao ensino delas nas aulas de Educação Física escolar para alunos do Ensino Fundamental.

Para melhor compreendermos o lugar de fala de cada um dos professores torna-se relevante descrever sobre o período em que cada um se formou e a quanto tempo são docentes. A Professora 1 se formou no ano de 1998, atua há 25 anos na educação, com experiência na Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais. O Professor 2, formado em 2007, atua há 11 anos na Educação Física escolar. Ele trabalhou 8 anos num município do Vale do Taquari/RS e outros 3 anos, em outro município da mesma região. A Professora 3, formou-se em 2004 e exerce à docência a 21 anos, na área da Educação Física.

A partir das respostas dos professores constatou-se que nenhum professor teve formação inicial relacionada a Práticas Corporais de Aventura, conforme ilustram as falas abaixo:

Durante a minha formação não foi introduzido este assunto e não constava na grade curricular. Também faz tempo, né? (Professora 1, questionário, 27/07/2020).

Na minha formação não tivemos disciplina sobre o tema (Professor 2, questionário, 12/08/2020).

A minha formação na graduação, eu tenho licenciatura e bacharelado, foram 5 anos, na época a gente não tinha nada disso [...] (Professora 3, Entrevista, 03/08/2020).

Os professores do estudo, que se formaram no período de 1998 a 2007 destacam que as Práticas Corporais de Aventura não fizeram parte da formação inicial. Em relação à formação de professores de Educação Física no Brasil, Domingues, Kunz e Araújo (2011) mencionam que os currículos dos cursos de Educação Física continuam organizados em disciplinas isoladas, com horas e espaços predeterminados, fragmentadas e distintas. Além disso,

os conteúdos desenvolvidos ao longo da formação inicial, destacando-se a hegemonia do esporte. Os autores propõem que o conteúdo esportivo deve ser problematizado.

Quanto à formação inicial, segundo Nóvoa (2019, p. 200), “é preciso dar a este período de três ou quatro anos uma espessura própria, isto é, de o considerar autonomamente como um tempo central para que cada um adquira a sua própria identidade profissional docente”.

Nenhum currículo irá dar conta de todas as práticas corporais. Muitas outras, tais como o tênis, *rugby*, ou mesmo práticas fortemente enraizadas em culturas locais ou regionais como é o caso da bocha no Rio Grande do Sul, também não se fazem presentes na formação dos estudantes. Concordamos com Almeida e Fensterseifer (2011), que defendem que a formação de professores de Educação Física precisa possibilitar que os futuros docentes experimentem coisas novas, confrontem o novo com o antigo, que aceitem o risco das incertezas que a experiência proporciona. A crítica não é endereçada ao esporte, que leva as pessoas a buscarem o Curso de Educação Física, mas à tradição da monocultura do esporte e à experiência do esporte que não possibilita espaço para a subjetividade.

Por essa razão, Neuenfeldt, Mazzarino e Silva (2020), reforçam a partir de pesquisa que realizaram a relevância da experiência docente na formação inicial. Cada professor constrói sua própria experiência docente. “A experiência docente diz respeito aos saberes construídos enquanto professor, na relação professor-aluno, na relação com a escola e no confronto com o currículo escolar; tratam-se de saberes inerentes a cada professor, individuais e intransferíveis”. Cada professor precisa construir sua própria experiência docente (NEUENFELDT; MAZZARINO; SILVA, 2021, p. 725).

Contudo, além da experimentação das práticas corporais que irá ensinar, da experiência docente, em se tratando de formação de professores é necessário que se desenvolvam competências para que o professor tenha autoria da sua própria prática pedagógica, que seja capaz de continuar estudando e aprendendo, como um sujeito capaz de “[...] (re)construir, reinventar sua prática com referência em ações/experiências e em reflexões/teorias” (CAPARROZ; BRACHT, 2007, p. 27).

Ainda sobre a formação dos professores investigados, o quadro não se modifica em relação à formação continuada no que se refere às Práticas Corporais de Aventura. Nenhum deles teve formação que abordasse este tema, conforme relatos abaixo:

Não tive formação continuada a respeito deste tema (Professora 1, questionário, 27/07/2020).

Não tive formação continuada a respeito (Professor 2, questionário, 12/08/2020).

Eu fiz minha Pós em Fisiologia do Exercício, *Personal Trainer*, então eu só tenho a parte da fisiologia (Professora 3, entrevista, 03/08/2020).

A BNCC (BRASIL, 2017) sugere algumas ações a serem implementadas, como, por exemplo, criar e disponibilizar materiais de orientação para os professores; manter processos permanentes de formação docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem, ou seja, os docentes, após formados, devem continuar em processo de aprendizagem.

Em relação à formação continuada consideramos que ações advindas da gestão, seja da Secretaria de Educação ou da direção das escolas podem contribuir. Mas, deve-se ter o cuidado para que os professores tenham participação ativa na definição da formação, frente às necessidades que possuem, sendo o trabalho coletivo uma possibilidade para se auxiliarem frente às novas demandas da BNCC. De acordo com Terra (2004, p. 162), “para os professores, o trabalho coletivo na escola é uma experiência interessante pelo fato de poderem planejar com um grupo pequeno e discutir coisas mais específicas de seu entorno”. Portanto, criar momentos de planejamento coletivo, estudo e de trocas de experiências quanto ao ensino das Práticas Corporais de Aventura é um caminho que pode auxiliar os professores.

A partir da compreensão da formação inicial e continuada dos professores, perguntamos como percebem a demanda da BNCC que tratado ensino das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física a partir do 6.º Ano do Ensino Fundamental. Dois entrevistados relataram não se sentir preparados, apesar de um deles relatar que realiza caminhadas e passeios pela cidade, porém, nada muito específico em relação ao tema em si. Já a terceira professora disse que se sente preparada, pois realiza leituras e está sempre se atualizando. Se não tivesse ocorrido a quarentena, ela tinha planos de pôr em prática atividades relacionadas a Práticas Corporais de Aventura, conforme evidenciam as falas abaixo:

Acredito que ainda não estou preparada (Professora 1, questionário 27/07/2020).

Não tenho muito conhecimento, pois o cotidiano na escola basicamente fica restrito aos esportes básicos o que dificulta maior envolvimento acerca do tema, mas sempre se pode ir atrás e aprender coisas extras para passar aos alunos (Professor 2, questionário, 12/08/2020).

Em relação as práticas da natureza, sim. Arvorismo, *slackline* e *parkour* eles fizeram uma pesquisa, do que seria isso. Mas nunca pratiquei nenhum deles, pensei que se voltássemos nos 15 dias da pandemia faríamos na escola, eu colocaria obstáculos e eles passariam por cima (Professora 3, entrevista, 03/08/2020).

De acordo com Domingues, Kunz e Araújo (2011) os conteúdos esportivos ainda recebem maior atenção no currículo que forma professores de Educação Física, não levando em conta a preparação de um docente para, futuramente, atuar com temas diferentes, tal como a Educação Ambiental, que nos permite fazer uma reflexão sobre as Práticas Corporais de Aventura, havendo necessidade, inclusive de esclarecimentos e discussão sobre o lugar dessa unidade temática na Educação Física.

Por outro lado, entre os professores entrevistados, um deles mencionou práticas que já realiza, conforme evidenciado nos relatos abaixo:

Na medida do possível se faz algumas atividades, depende muito do contexto onde a escola está situada se na zona urbana ou rural e também a natureza que está em torno da escola. Acho importante esse tema pois a natureza é muito trabalhada na escola em outras disciplinas e permeiam outras áreas também. Na medida do possível realizo algumas atividades (Professor 2, questionário, 12/08/2020).

A Professora 1, por sua vez se preocupa com os riscos e vê a Prática Corporal de Aventura como uma atividade que precisa ser realizada externa ao espaço da escola, na qual teria que envolver pais, direção da escola e contar com o auxílio de mais professores para a realização. Já a professora 3 pensa em fazê-la na escola, usando os espaços possíveis na própria escola.

Nesse sentido, pensar em adaptações das práticas corporais de aventura, tornando-as menos complexas, sem distanciar-se do cuidado necessário quanto a segurança dos alunos são alternativas possíveis. Mülhen, Berres e Neuenfeldt (2020) relatam a experiência que desenvolveram com alunos do 7.º e 8.º Anos de atividades com a natureza proporcionando vivências fora da escola, tal como foi realizada em uma chácara. A saída foi planejada e organizada buscando seguir princípios da abordagem Concepções Abertas, destacando a participação ativa dos alunos no processo de estudo sobre as práticas corporais, planejamento da saída da escola e desenvolvimento, ou seja, os alunos assumiram, em conjunto com os professores, corresponsabilidades. Dessa forma, coletivamente foi possível proporcionar e construir com os estudantes a experimentação de diferentes práticas corporais, tais como: trilha, *stand up* e o *surf* adaptado.

O uso da abordagem de Concepção Abertas nas aulas estimula o desenvolvimento da autonomia dos alunos; no entanto, o professor deve estar preparado para desenvolver em suas aulas essa abordagem, para que o “[...] agir autônomo, o trabalho em pequenos grupos, o agir criativo sejam aceitos

pelo professor, pois depende principalmente do professor ser o princípio de subjetivação inibido ou promovido” (HILDEBRANDT; LAGING, 1986, p. 30). Essa abordagem também pode auxiliar os professores a construir coletivamente como os alunos possibilidades de ensino das Práticas Corporais de Aventura;

## **PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DESENVOLVIMENTO E POSSIBILIDADES**

Esta categoria aborda práticas proporcionadas pelos professores entrevistados aos seus alunos de Ensino Fundamental e possibilidades que vislumbram a partir de espaços físicos do município. Além disso, a partir de visitação realizada pelos pesquisadores apresentam-se lugares com potencial para a realização de Práticas Corporais de Aventura, tanto na natureza quanto urbanas.

Ao serem questionados a respeito do desenvolvimento da temática proposta pela BNCC, em relação à orientação de trabalhar Práticas Corporais de Aventura na Natureza e Urbanas, na escola, tem-se diferentes respostas. Um dos professores já realizou algumas aulas com essa temática, os outros dois comentaram sobre possibilidades que vislumbram:

Basicamente realizo caminhadas em meio a natureza, no parque da cidade, visitas à barragem eclusa. Quando a escola realiza passeios no Moinhos do Campo e outros lugares com natureza os alunos experimentam aventuras, caminhadas no mato, trilhas guiadas e esportes mais radicais, como tirolesa, etc. (Professor 2, questionário, 12/08/2020).

Conforme eu falei, vou fazer aquilo que tenho na escola, vou montar uma trilha, uma caminhada, fazer o *parkour*, pular obstáculos, coisas assim, práticas. Eu não fiz, só criei tudo. Estava com meu caderno todo esquematizado já e eu não tive tempo de pôr em prática, só tinha todas as ideias construídas (Professora 3, questionário, 03/08/2020).

Na sequência, seria planejar previamente com a direção da escola, informar à comunidade e executar uma autorização dos pais, ainda não executei, mas se tivesse executado, seria dessa maneira (Professora 1, questionário, 27/07/2020).

O professor 2 nos apresenta práticas corporais que ele realiza, atividades simples como caminhadas e trilhas, deixando atividades que exigem de infraestrutura e equipamentos adequados para momentos nos quais a escola faz uma visita a eles. As atividades mencionadas predominam em espaços fora da escola. Dessa forma, esse docente ressalta que o espaço físico é fundamental,

o que dificulta em pensar o desenvolvimento dessas práticas na escola devido a ela não oferece a infraestrutura necessária. Também o professor 1 ao dizer que para desenvolver os esportes de aventura requer autorização dos pais nos remete que a sua realização se dará fora da escola, apesar de ainda não ter desenvolvido em razão da pandemia de Covid-19. Por outro lado, o professor 3 amplia as possibilidades, comentando que é possível desenvolvê-las na escola, adaptando e criando as atividades.

A partir do discurso dos professores, reforçamos que a troca de experiência entre eles pode ser positiva. Tanto a realização de Práticas Corporais de Aventura na escola quanto fora dela são importantes. Os espaços externos à escola possibilitam um redimensionamento do olhar para praças e para a natureza, a adaptação para o contexto escolar possibilita ressignificar essas práticas no contexto escolar e isso evita que essas aulas se tornem esporádicas devido as dificuldades ou entraves, tais como autorização e necessidade de recursos financeiros para deslocamento, que possam vir a ter para se realizar atividades fora da escola.

Um exemplo de exploração de práticas tanto na escola quanto fora dela foi realizada por Barbon e Neuenfeldt (2020) que experimentaram uma proposta de vivências com a natureza, a partir de trilhas sensitivas e interpretativas com estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da cidade de Lajeado/RS/BRA. As trilhas foram realizadas em diferentes lugares, tais como na praça perto da escola, no Jardim Botânico da cidade e na própria escola. Constataram que cada lugar contribuiu de forma diferente para desenvolver a Educação Ambiental, auxiliando os alunos a repensarem seus modos de conviver e agir, pois as crianças, hoje, conhecem o mundo virtualmente por meio das tecnologias de informação e comunicação (BARBON; NEUENFELDT, 2020, p. 3).

Em outra pesquisa, Neuenfeldt e Lima (2016) descrevem práticas com a natureza vivenciadas por alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental do município de Arvorezinha/RS na qual realizaram-se três vivências. Elas ocorreram no Perau de Janeiro, que fica a aproximadamente 14 km da escola; no Parque das Araucárias, distante aproximadamente 3 km da escola; e na própria escola. A partir da exploração dos sentidos corporais conseguiram aproximar os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da natureza e dos pontos turísticos naturais do município.

Não podemos deixar de reforçar a discussão sobre os lugares em que essas práticas podem acontecer. Questionados a respeito de suas percepções de espaço na escola em que trabalham e em torno dela, como também espaços disponíveis no município, foram obtidas as seguintes falas dos professores entrevistados:

Na escola em que atuo, percebo pouco espaço, como bancos, muros e grades. Mas seria assim, adaptando. Talvez no parque e praça do

bairro. Talvez na escadaria, mas na Barragem, nunca (Professora 1, questionário, 27/07/2020).

Eu atuo no interior no momento e realizo algumas caminhadas com os alunos, também não se pode fazer qualquer coisa pois sempre se tem em mente a segurança dos alunos. Sim, tem alguns lugares com natureza onde se poderia fazer trilhas, caminhadas, o parque poderia ser usado mais nas práticas urbanas também (Professor 2, questionário, 12/08/2020).

Na escola em que eu trabalho é uma quadra aberta, onde tudo a gente tem que criar, adaptar e imaginar e tentar fazer alguma coisa acontecer, mas que é possível sim, usando a criatividade, com certeza dá para fazer. Um lugar superbacana de fazer uma atividade legal e também daria para fazer uma caminhada, seria o parque pôr do sol e até mesmo na barragem. Mas é complicado eu levá-los até a barragem para fazer sozinha, teria que ter uma equipe junto, uma ou duas pessoas a mais comigo (Professora 3, questionário, 03/08/2020).

Os esportes de aventura são práticas corporais que proporcionam uma sensação de adrenalina aos seus praticantes, a principal ideia é arriscar-se, experimentar emoções intensas. Neste tipo de prática, o risco das atividades, segundo Le Breton (2009), é justamente o elemento que proporciona momentos de total prazer aos participantes e agrega valores pessoais, que remetem à superação de limites.

Contudo, ao pensá-las com finalidade educativa na escola, a preocupação dos professores quanto aos possíveis riscos à segurança dos alunos é pertinente. A questão dos riscos, assim como conhecer os equipamentos necessários fazem parte das habilidades proposta pela BNCC (BRASIL, 2017). Há de se pensar em adaptações, em propostas possíveis a partir do contexto escolar e da realidade de cada rede de ensino. No que se refere às vivências com a natureza, Neuenfeldt (2016) apresenta uma proposta pautada nos princípios da ludicidade, alteridade e exploração dos sentidos corporais a partir de brincadeiras lúdicas que é uma possibilidade de desenvolver essa unidade temáticas sem, como diz o autor, ficar refém de agências que promovem os esportes de aventura como um mercado comercial. O autor propõe que cada escola e professor crie suas próprias atividades e que explorem com ênfase a relação homem-natureza direcionando para a formação ecológica dos estudantes.

Quanto aos esportes de aventura urbanos o ponto de partida pode ser os próprios alunos. É fundamental conhecer que práticas eles já fazem, por exemplo, já praticam *skate*? O que já experimentaram? Como nos diz Tardif (2014, p. 5), “o ensino é uma atividade humana, um trabalho interativo, ou seja, um trabalho baseado em interações entre pessoas”.

Constatou-se a partir das falas dos professores que as Práticas Corporais de Aventura na Natureza ganharam mais ênfase nos discursos que as Práticas Corporais de Aventura Urbanas. Um caminho para ampliar o olhar dos professores sobre as práticas corporais de esportes de aventura urbanas é dialogar com a abordagem Cultural da Educação Física escolar, que propõe trabalhar o *skate*, *bike*, etc. Trata-se de uma concepção de Educação Física com base no Multiculturalismo, sendo um dos principais defensores da Educação Física Cultural, Neira (2014, p. 11-12) que nos diz:

De muitas formas, a perspectiva cultural da Educação Física transporta para o interior da cultura escolar as diversas produções sistematizadas nas mais variadas formas de expressão corporal, o que realça seu foco na diversidade. Cada uma das manifestações culturais corporais, ao ser tematizada pelas atividades de ensino, possibilita um trabalho pedagógico que, de maneira articulada aos objetivos institucionais descritos no Projeto Pedagógico da escola, desencadeia um processo permanente de reflexão acerca dos problemas sociais que a envolve ou envolveu no seu contínuo processo de construção. Permite ainda uma reflexão sobre o modo como cada manifestação é representada pelos distintos grupos sociais, visto que o currículo cultural procura problematizar conhecimentos a fim de contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática e equitativa.

Portanto, tomando como referência a abordagem cultural, trazer para a Educação Física escolar o *skate* ou o *surf*, por exemplo, é mais que promover vivências que proporcionam adrenalina. A inserção dessas práticas corporais nos possibilita refletirmos sobre o que elas representam para os grupos sociais, sobre o acesso a espaços disponíveis para realizá-las e possíveis preconceitos que possam ainda ter, mesmo hoje tendo se tornado esportes olímpicos.

Ainda, para além dos espaços disponíveis na escola, quanto ao propósito desse estudo de identificar e apresentar espaços com potencial para a realização de esporte de aventura, apresentamos algumas possibilidades (Figuras 1 e 2) com o intuito de ampliar o olhar dos professores e das escolas.

Figura 1: Locais com potencial para a prática de Esportes de Aventura na Natureza



Fonte: dos autores.

Na figura acima percebemos que o município possui lugares nos quais podem ser realizadas trilhas, passeios ciclísticos, *slackline*, arvorismo, além de ser banhado pelo rio Taquari possibilitando que esportes náuticos possam ser feitos, tal como a Canoagem e o *Stand Up*.

Quanto aos esportes de aventura urbanos, a figura 2 apresenta espaços públicos nos quais podem ser realizados *skate*, *parkour*, *bicicross*, entre outros.

Figura 2 - Locais com potencial para prática de Esporte de Aventura Urbanos



Fonte: Dos autores.

Dessa forma, percebe-se que o município investigado possui espaços nos quais podem ser desenvolvidas Práticas Corporais de Aventura. Eles precisam ser vistos como locais onde a aula de Educação Física também pode

acontecer. Cada escola, cada município, precisa olhar para o seu entorno, para a sua realidade. Com certeza encontrarão espaços diversos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base os resultados encontrados nesta pesquisa, percebeu-se que a unidade temática proposta pela BNCC, que orienta o ensino de Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física para os Anos Finais do Ensino Fundamental, encontra-se em processo de implantação nas escolas. Apenas um professor já havia desenvolvido essa unidade temática. Os demais estavam em fase de estudo e planejamento. Contudo, cabe lembrar que as aulas práticas foram interrompidas para todos em razão da pandemia de Covid-19.

Quanto à formação docente dos entrevistados, eles relataram que nem na formação inicial, nem na continuada, o tema Práticas Corporais de Aventura foi contemplado. Ele não constou na grade curricular. Isso reflete na preocupação em como desenvolver essa unidade temática e no receio quanto à segurança dos alunos, principalmente devido aos riscos à integridade física que elas oferecem.

Evidenciou-se no discurso dos professores que as Práticas Corporais de Aventura na natureza são vislumbradas com mais facilidade que as urbanas. Um professor ministrou aulas com essa temática. Outro mencionou que faria adaptações nos espaços da própria escola para realizá-las. No tocante ao desenvolvimento das Práticas Corporais de Aventura na escola, em torno dela ou usando espaços possíveis no município em questão, ficou evidente que o município dispõe de lugares possíveis para a sua realização, tanto na natureza, quanto em espaços urbanos. Esses espaços merecem um olhar sensível, atento e criativo, a fim de que emergjam possibilidades para a experimentação dos esportes de aventura.

Para suprir as carências na formação sugere-se que os professores troquem experiências, construam com os alunos possibilidades de experimentar as Práticas Corporais de Aventura, adaptadas ou não, integrando-as ao contexto das aulas de Educação Física. Além disso, entendemos que, mesmo a BNCC não explicitando ou enfatizando temas como a Educação Ambiental e a diversidade cultural não há impedimento aos professores de Educação Física para que esses temas sejam explorados a partir das Práticas Corporais de Aventura.

Outro aspecto que queremos ressaltar refere-se ao fato de a BNCC tratar dessa unidade temática associando-a a esportes de aventura. Entendemos que não podemos restringi-la a compreensão de esporte, mas ampliando a sua compreensão como parte da cultura corporal de movimento. Dessa forma, tornam-se práticas corporais que precisam ser experimentadas, que podem ser adaptadas, ressignificadas e tematizadas para atender aos propósitos de Educação Física escolar. Esse entendimento pode buscar subsídios em

abordagens críticas da Educação Física escolar, tal como Concepção Abertas e Educação Física Cultural, já mencionadas anteriormente nesse artigo.

Por fim, essa pesquisa abriu portas para novos estudos. Propomos experimentar, por meio da pesquisa-ação, propostas de ensino de Práticas Corporais de Aventura na Natureza e Urbanas, com Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, assim como na formação continuada dos professores.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciano de; FENSTERSEIFER, Paulo. O lugar da experiência no âmbito da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 07, n. 4, p. 247-263, out./nov., 2011.

BARBON, Évelyn Pozzebom; NEUENFELDT, Derli Juliano. Trilhas Sensitivas e Interpretativas como Processo de Formação Ecológica de Estudantes de Ensino Fundamental. **Revista Signos**. Lajeado: Univates, 2019. Disponível em: <http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/2309>. Acesso em: 7 jul. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v40i2a2019.2309>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**, 1o e 2o ciclos. Brasília: MEC, 1997. v. 7.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: . Acesso em: 24/01/2022.

BOGDAN, Robert, BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Trad. Maria Alvarez, Sara do Santos e Telmo Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

CAPARROZ, F. E.; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Curitiba, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/53/61>. Acesso em: 23 mai. 2021.

DOMINGUES, Soraya Corrêa; KUNZ, Elenor; ARAÚJO, Lísia Costa Gonçalves de. Educação Ambiental e Educação Física: possibilidades para a formação de professores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 559-571, jul./set., 2011.

HILDEBRANDT, Reiner.; LAGING, Ralf. **Concepções abertas ao ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

LE BRETON, D. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. São Paulo: Autores Associados, 2009.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva: 3 ed.** Ijuí: Unijuí: 2016.

MÜLHEN, Jackson Augusto von; BERRES, Tiago Alexandre; NEUENFELDT, Derli Juliano Neuenfeldt, Derli Juliano Neuenfeldt. Educação Física escolar nos anos finais do ensino fundamental: desenvolvendo práticas corporais de aventura em espaços não convencionais norteadas em Concepções Abertas de ensino. In: ALDROVANDI, Makeli; MATTE, Marine Luísa. (Org.) **Travessias: experiências de estágio**. Lajeado: Univates, 2020. p. 50-55.

NEUENFELDT, Derli Juliano. **Educação Ambiental e Educação Física escolar: uma proposta de formação de professores a partir de vivências com a natureza**. 2016. Monografia (Doutorado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 22 nov. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1201>. Acesso em: 10 out. 2020.

NEUENFELDT, Derli Juliano; LIMA, Anderson de. Vivências com a Natureza: Experimentando uma Proposta de Educação Ambiental com Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Lajeado: Univates; 2016. Disponível em: <https://mail-attachment.googleusercontent.com>. Acesso em: 7 jul. 2020.

NEUENFELDT, Derli Juliano; MAZZARINO, Jane Márcia; SILVA, Jacqueline Silva da. A formação do professor de Educação Física: contribuições da experiência docente para o ensino do tema transversal da Educação Ambiental na Educação Básica. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.12, n.34, p. 704-730, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4788>. Acesso em: 24 jan. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. Apresentação. In: NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari; LIMA, Maria Emília (Org.). **Educação física e culturas: ensaios sobre a prática**. Vol.II São Paulo: FEUSP, 2014.p. 07-13.

NÓVOA, Antônio. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 198-208, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss1articles/novoa.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17 e. Petrópolis: Vozes, 2014.

TERRA, Dinah Vasconcellos. Orientação do trabalho colaborativo na construção do saber docente: a perspectiva do planejamento coletivo do trabalho pedagógico (PCTP). **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 157-179, janeiro/abril de 2004. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2831>